

COMUNICAÇÕES

BRASIL: HISTORIOGRAFIA NOS ANOS 80*

*Carlos Fico
Ronald Polito*

1. INTRODUÇÃO

Os historiadores brasileiros ressentem-se da falta de um instrumento de pesquisa capaz de rastrear a produção historiográfica atual no país, circunstância especialmente negativa quando se percebe que os anos 80 se caracterizaram por intensa produção de conhecimento histórico.

Os trabalhos mais sólidos de análise historiográfica de que se dispõe, como, por exemplo, os de Carlos Guilherme Mota, José Roberto do

Amaral Lapa e Francisco Iglésias¹, abrangem, no máximo, os anos 70. Mesmo que se pense em termos meramente catalográficos e, não, analíticos, persiste a dificuldade de localização de teses, dissertações, livros, artigos etc. de História.

A presente Comunicação visa a divulgar e comentar alguns dos resultados parciais da pesquisa "Historiografia no Brasil nos anos 80", realizada sob os auspícios da UFOP. Tais resultados são os obtidos até o fechamento deste número de LPH - Revista de História (dezembro de 1991), porém, na época da circulação do mesmo a pesquisa, provavelmente, estará concluída.

* Serão muitas as pessoas às quais devemos agradecer na edição final do trabalho. Por ora, é impossível não registrar nosso reconhecimento ao Prof. José Guilherme Ribeiro (DEHIS/UFOP), que fez os programas de análise informatizada dos dados e ao Reitor da UFOP, Prof. Dr. Cristovam Paes de Oliveira, que nos tem fornecido recursos para a efetivação da pesquisa.

1- Cf., dentre outros, LAPA, José Roberto do Amaral. *Historiografia brasileira contemporânea (a história em questão)*. Reed. Petrópolis, Vozes, 1981. 208 p. MOTA, Carlos Guilherme. *A historiografia brasileira nos últimos quarenta anos: tentativa de avaliação crítica*. *Debates e Crítica*. São Paulo, (5): 1-26, 1975 e IGLÉSIAS, Francisco. *A propósito da historiografia brasileira*. *Debates e Crítica*. São Paulo, (5): 119-126, 1975.

2- DEFINIÇÕES PRELIMINARES

Trabalhamos com um conceito ampliado de historiografia, que não considera apenas a efetiva produção de conhecimento histórico mas também, na medida do possível, a sua disseminação social. Sendo assim, não só computamos os trabalhos de História mas compulsamos, igualmente, aqueles registros que, de alguma forma, expressavam a repercussão daqueles. Consideramos todo o circuito que integra o processo de disseminação do conhecimento histórico, dos cursos de pós-graduação ao mercado editorial, além dos eventos, das entidades e leitores de História.

Tomamos orientação relativamente diversa daquela típica dos textos que abordam a historiografia brasileira. Não se trata mais do comentário, ainda que sofisticado e pertinente, daqueles títulos tidos como centrais para a compreensão de nossa produção historiográfica, o que, via de regra, resulta na listagem preferencial de cada autor daqueles trabalhos que mais lhe chamam a atenção. A principal restrição desse gênero de análise consiste, por um lado, em não considerar todos os trabalhos existentes a respeito de um assunto específico e, por outro, em apenas interpretar o fenômeno historiográfico sob o ponto de vista de sua produção. Daí o interesse em ampliar o circuito envolvido

na constituição do conhecimento: produção, reprodução, circulação e consumo.

Buscamos, assim, uma análise historiográfica que tem em vista as vicissitudes da dinâmica econômica, política, social e cultural do Brasil no período em pauta. Afinal, todos esses aspectos, de alguma maneira, condicionam a atuação do historiador e, conseqüentemente, a produção do conhecimento histórico. Compreende-se então que nos preocupamos também com a abordagem das relações e dos desdobramentos internos à própria história da historiografia no Brasil, cumprindo esse que também é um encaminhamento típico dos textos da área, ainda que sem as mesmas implicações teóricas.

3- HIPÓTESES NORTEADORAS DA ANÁLISE

Partimos do pressuposto de que a produção de conhecimento histórico no Brasil atingiu, nos anos 80, patamar de alta complexidade, que se poderia nomear de profissionalização, à falta de termo mais adequado. Com isso se quer dizer que tal produção se dá com a abordagem de uma pluralidade de temas, enfoques teóricos e procedimentos metodológicos, notadamente em comparação com os anos 70. Da mesma forma, nos anos 80 assistiu-se à consolidação dos cursos

de pós-graduação, à multiplicação dos periódicos específicos e ao aumento do interesse público pelos temas históricos. Pensamos ainda que essa profissionalização, mesmo que diga respeito, em grande medida, ao desenvolvimento próprio, autônomo, do campo de conhecimento histórico no Brasil, se explica talvez precipuamente pela constituição de uma universidade em termos modernos, à qual coube a função de produtora e disseminadora do conhecimento histórico, anteriormente pulverizado ou reunido em torno de núcleos tradicionais, de âmbito nacional ou local, ou sob sua influência. Essas são as hipóteses gerais que buscaremos verificar.

4 - METODOLOGIA

Em termos gerais, a metodologia adotada expressa a preocupação teórica de se considerar o fenômeno historiográfico em sua globalidade, isto é, não apenas como conhecimento produzido, mas como conhecimento que, de alguma maneira, se realiza em outros níveis, a saber, os da publicação, da leitura, da crítica etc.

Por isso, optou-se, na primeira etapa, pelo levantamento dos diversos dados, sem preocupação classificatória prévia, isto é, a percepção de que tal ou qual enfoque, tema, aborda-

gem, etc. é recorrente, deriva do levantamento dos dados, não o precede.

Tal percepção, portanto, é a segunda etapa do método adotado: a classificação das principais áreas de interesse dos historiadores expressas através dos dados obtidos. Para cada uma dessas áreas se fará uma análise historiográfica específica.

Além disso, tendo em vista as dimensões menos específicas e mais globais do fenômeno historiográfico, também se fará a avaliação analítica dos dados relativos a resenhas, entrevistas, polêmicas, mercado editorial e relacionamento dos historiadores com outros campos do conhecimento científico.

É a partir dessas etapas que se torna possível a análise mais importante, a do desempenho, da performance de qualquer um dos itens elencados em relação ao período da historiografia no Brasil anterior ao que estudamos. Para a tarefa, contamos com meios limitados, mas que não impedem a maior parte dos cotecamentos necessários. Os dados essenciais sobre o período anterior a 1980 vêm sendo colhidos em textos tidos por "clássicos" na área de historiografia e em outros instrumentos de pesquisa. Algumas séries de dados, contudo, foram construídas especificamente para nossos objetivos, séries

essas do mesmo tipo das utilizadas para o período 80/89.

5- RESULTADOS PARCIAIS

O primeiro objetivo foi proceder a um levantamento, o mais completo possível, de várias séries de informações, sempre para o período 1980/1989, a saber: livros de História nacionais e traduzidos; artigos em periódicos de História; artigos em periódicos de áreas afins; teses de doutorado e dissertações de mestrado defendidas nos cursos de pós-graduação em História, e teses de livre-docência; resenhas e ensaios bibliográficos sobre livros de História publicados em periódicos especializados, ou não, escritos, ou não, por historiadores; entrevistas concedidas por historiadores brasileiros a periódicos especializados e a jornais de circulação nacional, bem como entrevistas realizadas por historiadores brasileiros com outros historiadores; transcrições de fontes em suportes convencionais e/ou não-convencionais publicadas no período; instrumentos de pesquisa publicados; polêmicas sobre temas históricos publicamente tratadas; eventos (congressos, seminários, etc.) na área de História; entidades (associações, grupos etc.) criadas. Também buscamos informações sobre os cursos de pós-graduação em História e sobre o

movimento editorial em geral, para a análise da profissionalização da área.

A partir desses levantamentos é que se foram definindo as abordagens recorrentes. Os grupos temáticos obtidos estão sendo objeto de análises qualitativas específicas, mais ou menos profundas, tendo em vista as próprias limitações analíticas dos autores. É fácil perceber, portanto, que o trabalho analítico poderá ser continuamente aprimorado através do debate acadêmico e de novas propostas de leitura historiográfica que poderão ser feitas por outros historiadores.

Os dados e comentários elencados a seguir devem, naturalmente, ser entendidos como provisórios, pois, até a edição final do trabalho, poderão ser alterados. Da mesma forma, em função dos limites desta Comunicação, teceremos poucas considerações analíticas divulgando apenas alguns dados quantitativos mais gerais.

5.1- Livros

Até o presente momento, verificamos a publicação de 1396 livros durante os anos 80². Para chegar a esse número, consultamos toda a coleção do jornal *Leia* (1980/1989) e diversos livros de revisão de assuntos

2- Não consideramos os livros didáticos, pedagógicos e as biografias.

históricos específicos. Novos títulos ainda estão sendo localizados.

Neste particular, verificamos o acerto da hipótese de José Roberto do Amaral Lapa, de 1976³, aplicada a livros, quanto à mudança de preferência pelos grandes recortes de periodização da História do Brasil. De fato, nos anos 80 houve o predomínio dos temas da República, seguidos por aqueles relativos ao Império e à Colônia. Em termos percentuais aproximados, a distribuição é de 47%, 30% e 22% respectivamente. No que tange ao período republicano especificamente, 41% dos livros estudam a época que vai de 1889 a 1930, 40% abordam o período de 1930 a 1964 e 17% abordam a História mais recente da República⁴.

É interessante conhecer a percentagem de livros de certas áreas e temas específicos da História: Antiga, 3,3%; Medieval, 2,3%; América, 6,1%; Revolução Francesa, 1,6%; Conjuração Mineira, 0,3%; Econô-

mica, 2,7%; Sexualidade, 0,8%; Getúlio Vargas, 0,9%; Café, 0,9%⁵.

Aspecto significativo do mercado editorial nos anos 80 é o sucesso evidente, e aqui quantificado, de um certo padrão de livro de História, de poucas páginas, no âmbito de coleções que pretendem dar visão geral de muitos assuntos e cujo paradigma é a coleção "Tudo é História", da Editora Brasiliense, a que mais publicou títulos da área (24,3% do total), seguida de longe pelas editoras Ática (5,9%), Paz e Terra (4,4%), Zahar (3,2%), Graal (1,4%) e Jorge Zahar (1,2%), dentre outras.

Isso configura um universo de lançamento cujos temas são relativamente pulverizados e cujo padrão editorial se caracteriza por livros de poucas páginas (12% chegam a ter menos de 90 páginas). Significativamente, há boa quantidade de livros de grande número de páginas, de autores estrangeiros traduzidos (metade dos livros com mais de 400 páginas é traduzida). No caso de autores nacionais a média de páginas cai.

Informação também pertinente neste quadro é o absoluto predomínio de autores masculinos no mercado editorial de livros. De 912 autores

3- LAPA, José Roberto do Amaral. Op. cit., p. 52.

4- O caráter aproximativo dos números deve-se não só à etapa em que a pesquisa se encontra, mas também à existência de pesquisas que abordam períodos combinados. As porcentagens, obviamente, referem-se aos livros sobre História do Brasil que já podemos classificar.

5- Aqui as porcentagens se referem ao número total de livros.

de uma tradição de crítica dentre os historiadores brasileiros⁶.

Este quadro, contudo, parece ter mudado. São em bom número as revistas especializadas. Encontramos 22 especialmente voltadas para História e 31 que abordam eventualmente o tema. Foram localizados, nas mesmas, cerca de 750 artigos, afora entrevistas, instrumentos de pesquisa etc. Ao que tudo indica, o tratamento informatizado dos temas dos artigos de História dos anos 80 vai permitir ver um quadro bastante distinto daquele relativo aos livros: menor pulverização e abordagem concentrada de certos temas (escravismo e movimento operário, por exemplo).

O mais promissor, contudo, é o grande número de resenhas (cerca de 500 nos periódicos especializados e no jornal *Leia*). Como estamos classificando aquelas que foram publicadas em jornais de grande circulação, em revistas acadêmicas e não-acadêmicas, por historiadores ou por outros profissionais, de livros nacionais ou não, será possível, ao término da pesquisa, avaliar, com alguma precisão, como repercutiu a historiografia no Brasil nos anos 80, tendo em conta os diversos leitores

das mesmas. Ao que parece, inclusive, há uma diferença acentuada entre o que foi publicado e o que é tido como importante. Com as resenhas, finalmente, tem sido possível propor análises das diversas abordagens recorrentes, trabalho que seria quase impossível na ausência dessas críticas de livros.

5.4- História e outras áreas

Também levantamos dados relativos à frequência de trabalhos de História nas reuniões anuais da SBPC e na revista *Ciência e Cultura*. Eis alguns dados: a revista *Ciência e Cultura*, no período 80/89, publicou 32 artigos de História, que correspondem a apenas 3,7% do total de 864 artigos. A média das comunicações de História apresentadas nas Reuniões Anuais da SBPC esteve perto de 1%. No período 85/88, houve uma tendência de crescimento dessa média (1,8% em 1986), que desceu brusca-mente em 1989, ano do menor índice do período (0,4%).

* * *

Esperamos, com este trabalho, empreender uma breve análise historiográfica e elaborar um instrumento de pesquisa que possam ser, acima de tudo, úteis aos historiadores e para todos aqueles que se interessam pela História. Dada a amplitude dos objetivos traçados, as lacunas serão pro-

6- Cf. MOTA, Carlos Guilherme. Op. cit., p. 5 e IGLÉSIAS, Francisco. Op. cit., p. 121.

vavelmente muitas. Mas estamos cientes de que este tipo de trabalho poderá e deverá ser constantemente aprimorado. Com esta pesquisa acabamos constituindo um banco de dados que, provavelmente, é o mais completo do país no que se refere à História. Por isso, resolvemos implantar um Centro Nacional de Referência que, continuamente alimentado, poderá em breve ser acessado por todos.

